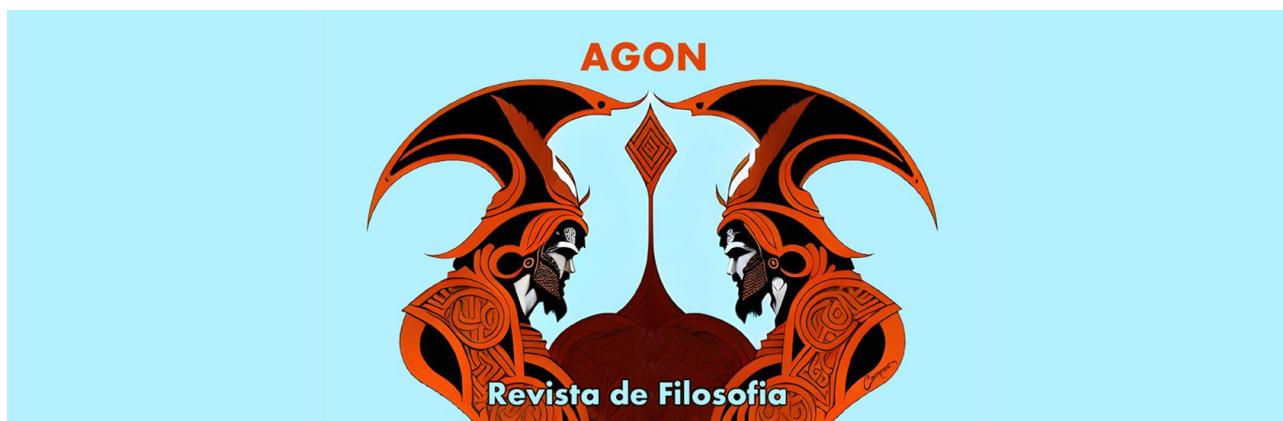




REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIAS COMO RUPTURAS NA POESIA DE CORA CORALINA E ADÉLIA PRADO THOUGHTS ON MEMORIES AS RUPTURES IN THE POETRY OF CORA CORALINA AND ADÉLIA PRADO

Wallace Rodrigues¹
Antônio Coutinho Soares Filho²
Márcia Sepúlveda do Vale³
Marleno Chaves Menezes⁴

RESUMO: Este escrito busca pensar possibilidades interpretativas para a poesia a partir da concepção da memória como ruptura do tempo linear de concepção Ocidental. Utilizamos dois poemas de mulheres poetisas para buscar compreender melhor como as memórias atravessam o tempo, sendo eles: “Moinho do tempo”, de Cora Coralina (1889-1985), e “O que a memória ama, fica eterno”, de Adélia Prado (1935). Tais obras foram escolhidas por tomarem as reflexões sobre o tempo como tema e por serem as autoras mulheres interioranas de uma sensibilidade extremamente aguçada. Nossa análise sobre os poemas foi qualitativa e demonstrativa e nossas reflexões teóricas partiram de uma pesquisa bibliográfica. Os resultados deste trabalho revelam como a poesia tem o poder de romper com o tempo linear Ocidental, revelando-nos novas formas de conceber o tempo, a vida e a arte.

Palavras-chave: Poesia; Temporalidades; Rupturas.

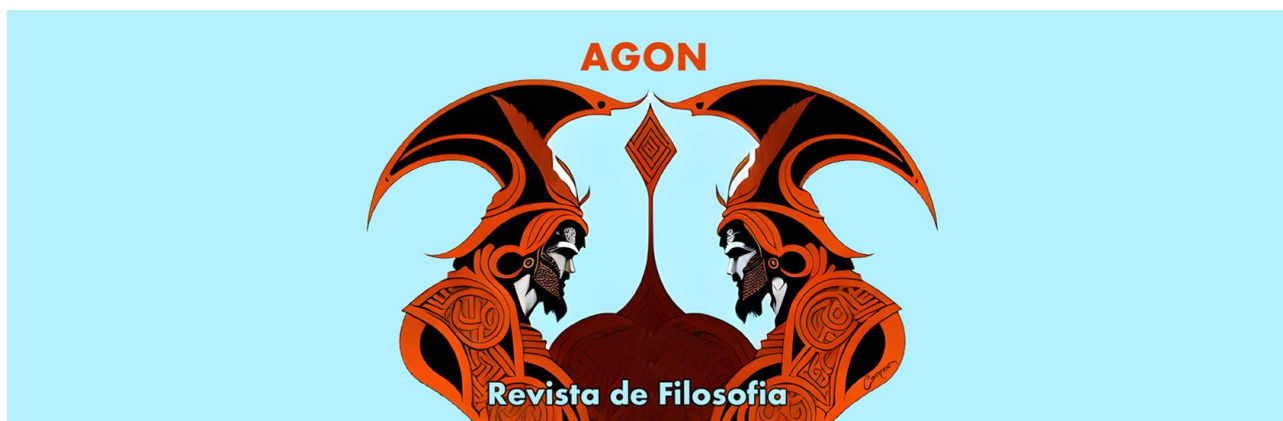
ABSTRACT: This paper seeks to think about interpretative possibilities for poetry from the perspective of memory as a rupture in linear time in the Western conception. We use two poems by female poets to better understand how memories cross time, namely: “Mill of time”, by Cora Coralina (1889-1985), and “What memory loves, becomes eternal”, by Adélia Prado (1935). These works were chosen because they take reflections on time as their theme and because they are rural women authors with an extremely sharp sensibility. Our analysis of the poems was qualitative and demonstrative and our theoretical digressions were based on a bibliographical research. The results of this work reveal how poetry has the power to break with Western linear time, showing to us new

¹ Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios. Universidade Federal de Tocantins. E-mail: walace@uft.edu.br

² Doutorando do PPGL em Ensino de Língua e Literatura. Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Campus Araguaína). E-mail: couthofilho70@gmail.com

³ Doutoranda do PPGL em Ensino de Língua e Literatura. Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/Campus Araguaína). E-mail: marciasepulvida@hotmail.com

⁴ Mestre em Letras. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (2019). E-mail: marlenomenezes@hotmail.com



ways of conceiving time, life and art.

Keywords: Poetry; Temporalities; Breakages.

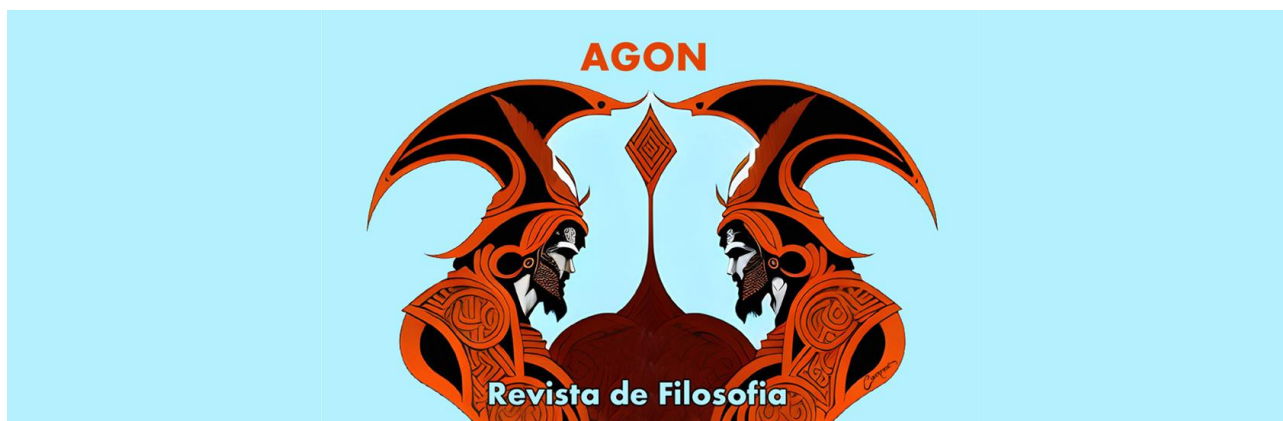
O tempo perguntou pro tempo qual é o tempo que o tempo tem. O tempo respondeu pro tempo que não tem tempo pra dizer pro tempo que o tempo do tempo é o tempo que o tempo tem. (Dizer popular).

INTRODUÇÃO

Esta reflexão nasceu de nossas discussões na disciplina “Seminários em Literatura de Língua Portuguesa e Ensino – Temporalidades, Poesia e Música”, ofertada no Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Os temas da referida disciplina nos levaram a escrever um texto que tentasse abarcar um pouco do que foi pensado e discutido nas aulas. Nosso objetivo é pensar sobre temporalidades e como as memórias podem ser entendidas como rupturas nos textos poéticos, rompendo com nossa concepção linear e cronológica de tempo. Utilizamos duas obras de poetisas brasileiras: o poema em verso intitulado “Moinho do tempo”, de Cora Coralina, e o poema em prosa intitulado “O que a memória ama, fica eterno”, de Adélia Prado. A abordagem para este escrito foi qualitativa e de natureza analítico-reflexiva, baseada em referências bibliográficas que dessem embasamento teórico às nossas investigações. Alguns autores utilizados no texto são: Bataille (1970), Saddi (2011), Oliveira (2009), Rodrigues (2018), Butler (2018), dentre outros.

SOBRE MEMÓRIAS COMO RUPTURAS TEMPORAIS NA POESIA

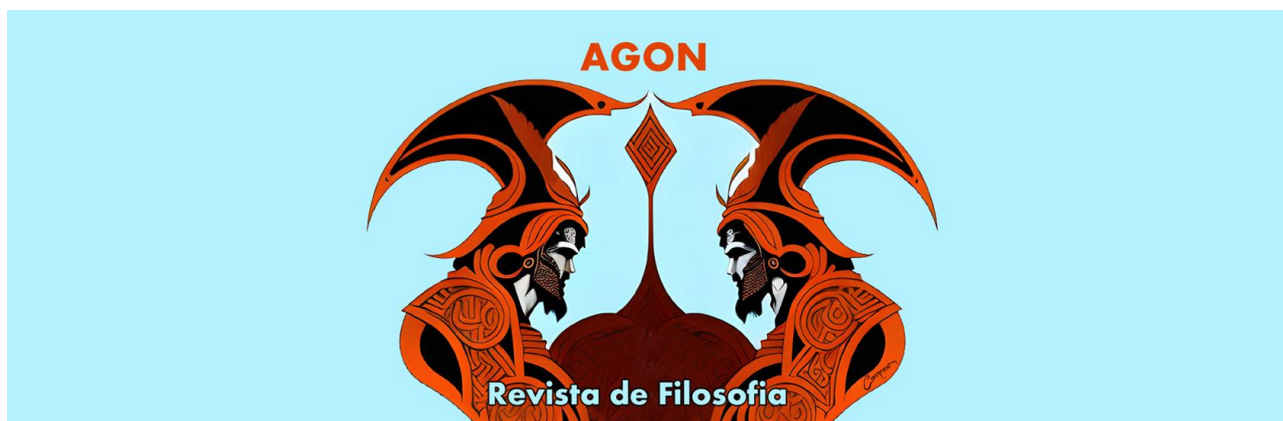
Para começar a pensar sobre como nós ocidentais concebemos o tempo, utilizamo-nos de uma passagem de Rodrigues (2018, p. 78), onde ele explica a forma como entendemos a temporalidade:



...] compreendemos que os ocidentais detêm uma concepção de tempo a partir do momento atual, do agora, da contemporaneidade. Essa concepção de tempo funda-se na noção de cronologia a partir de datas e acontecimentos classificados como relevantes de serem lembrados e celebrados.

Vemos, a partir da passagem anterior, que o tempo cronologicamente linear é uma invenção Ocidental e que diferentes culturas concebem o tempo de maneiras distintas. Se compreendemos o tempo a partir de uma linearidade, percebemos que as memórias (que retomam momentos passados) acabam por driblar o bloqueio desta linearidade temporal. As memórias se colocam, portanto, com uma visível instabilidade temporal, como o informe de Bataille (1970), para dar um exemplo, desestabilizando a tão desejada linearidade cronológica do tempo Ocidental. Vale lembrar que a cronologia que os homens ocidentais tentam dar ao tempo é uma criação, uma construção organizacional. As memórias são, assim, rupturas do tempo cronologicamente pensado de forma linear, pois elas trazem à tona lembranças do passado que vivem ainda na atualidade. Tal pensamento pode abarcar uma pedagogia das rupturas, das ausências e das resistências em relação ao tempo linear e cronológico pensado na perspectiva Ocidental. Colocamos a citação de Georges Bataille, de seu “O Dicionário Crítico” (*Le dictionnaire critique*) sobre o conceito do verbete “informe”. Isso para auxiliar-nos a problematizar as questões humanas de busca de forma e sentido para as coisas visíveis (como uma cadeira) e invisíveis (como o tempo):

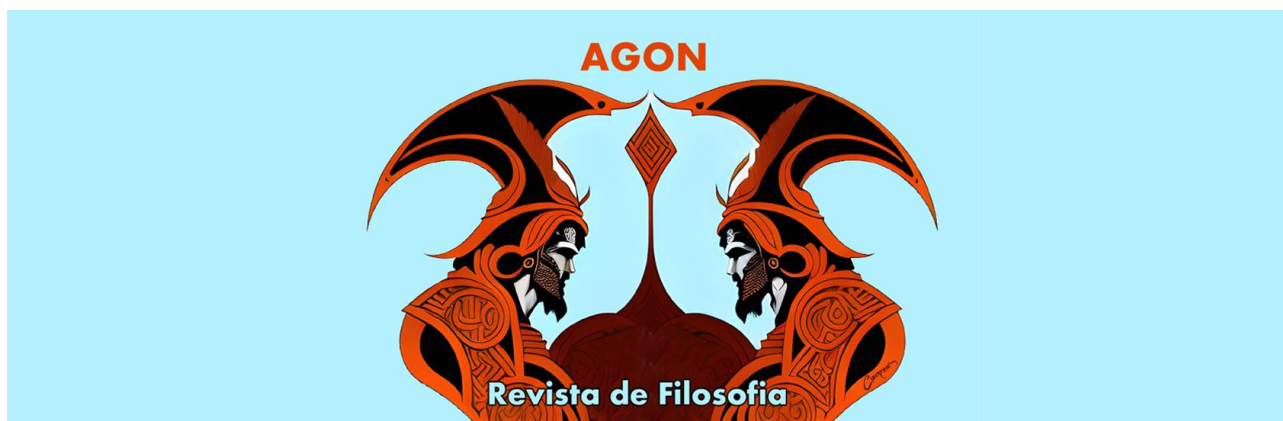
Um dicionário começaria a partir do momento em que ele não desse mais o sentido das palavras, mas sim suas obrigações. Assim, informe não é somente um adjetivo com certo sentido, mas um termo que serve para desorganizar, exigindo, geralmente, que cada coisa tenha sua própria forma. Isto que ele nomeia não aponta um caminho fixo e pode ser facilmente despedaçado, do mesmo modo que uma aranha ou um verme. De fato, para o contentamento dos acadêmicos, seria necessário que o universo tomasse forma. Toda a filosofia tem apenas um objetivo: trata-se



de dar uma roupagem ao que já existe, uma roupagem matemática. Por outro lado, afirmar que o universo não se assemelha a nada e que ele não é nada além de informe retoma a afirmação de que o universo é algo como uma aranha ou um escarro. (BATAILLE, 1970, p. 33)

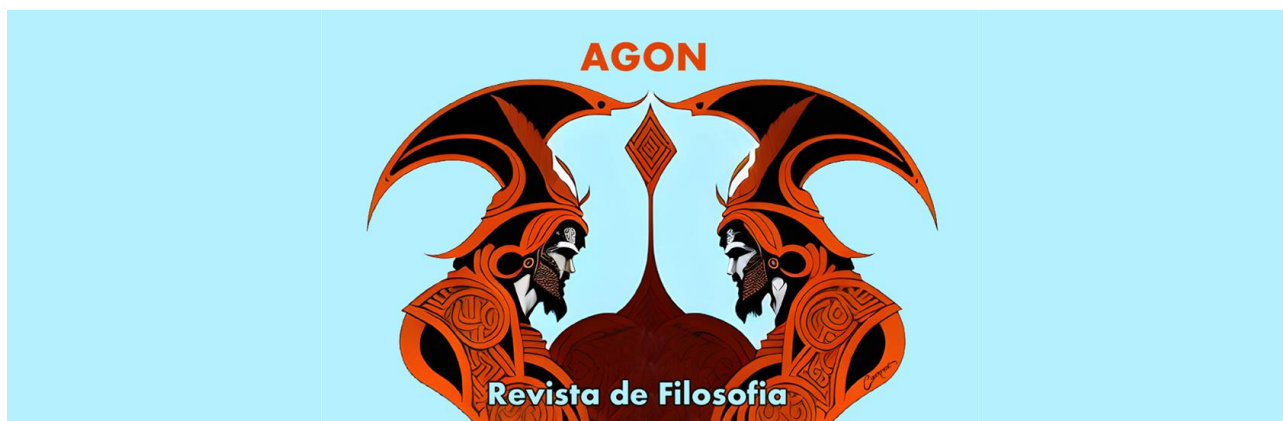
Entendemos que o tempo não tem uma forma e não pode ser percebido por semelhança, mas o passar do tempo marca-se em nós e coloca-se como relevante quando tomamos a memória em consideração. Assim, passado, presente e futuro são informes, imagens sem formas, mas as quais tentamos dar sempre uma roupagem de realidade (mesmo que seja de uma realidade impalpável). Mesmo as cicatrizes em nossos corpos, causadas por ferimentos ou outros acidentes, acabam por serem marcas visíveis da ação do tempo sobre nosso corpo, trazendo-nos de volta as memórias dos acontecimentos de então. Se pensarmos as memórias como retornos a temporalidades do “passado”, quebramos os elos entre presente e passado. E nos colocamos nos lugares isentos do tempo “ao romper com uma cadeia do pensamento por semelhança” (OLIVEIRA, 2009, p. 153), interrompendo uma relação de aproximação (que pensamos ter) com o tempo. Se encararmos o tempo como uma “montagem” humana, uma tentativa de encaixe e construção sobre algo fluido e que passa por nós sem que nos apercebamos, damos-nos conta de que não há uma interdependência entre tempo e mundo, mas um arranjo arquitetado por nós humanos em passado, presente e futuro. Oliveira (2009, p. 157) diz-nos, retomando o pensamento de Bataille, que:

Livrar-se da semelhança é uma das tarefas do informe, por mais contraditório que isso possa parecer, pois no final do verbete Bataille também faz uso da analogia ao dizer que o universo “é como uma aranha ou um escarro”. Contudo, Bataille não fixa esta analogia e seu esforço é livrar-se de uma medida humana.



A instabilidade do tempo, sua não-fixação e sua irreversibilidade fazem da memória um mecanismo de montagem de nós mesmos como seres humanos compostos de afetos, pensamentos, sensibilidade, sentimentos, marcas etc. O que passou por nós pode voltar a qualquer momento e a tentativa de cronologizar o tempo é uma tentativa humana de domínio sobre o indominável. Outra questão a pensar em relação ao tempo é a de que não podemos mensurar o que chamamos de “contemporâneo”, pois só conhecemos o passado (ou achamos que conhecemos) e o agora vivido (que buscamos chamar de presente). Optamos por pensar em temporalidades, tomando o tempo como algo plural e sobre o qual não temos controle. Ainda, um pensamento acerca do tempo de forma anacrônica parece ser mais relevante do que aquela medida em passado, presente e futuro, pois parece ser o “espaço” onde cabem as memórias. As memórias levam-nos a pensar o tempo como rupturas, temporalidades distônicas e anacrônicas. Constatamos nossa incapacidade de colocar o tempo em formas, em medições cartesianas, mas somente temos como presenciá-lo realmente no agora e através das memórias que nos tomam de assalto, quebrando qualquer forma de linearidade e organização. As memórias ancoram nossos sentidos e nos fazem utilizá-los a todo tempo: um cheiro gostoso da infância, a sopa deliciosa da avó, aquele almoço de domingo etc. Os sentidos do corpo nos levam a construir memórias e a trazê-las de volta à tona no tempo atual, conforme se observa na famosa passagem de Marcel Proust quando o sabor das *madeleines* desperta o que o escritor francês chama de memória involuntária:

[...] por um dia de inverno, ao voltar para casa, vendo minha mãe que eu tinha frio, ofereceu-me chá, coisa que era contra meus hábitos. [...] Ela mandou buscar um desses bolinhos pequenos e cheios chamados madalenas e que parecem moldados na valva estriada de uma concha de São Tiago. [...] levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. [...] E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de madalena que nos domingos de



manhã em Combray [...] minha tia Léonie me oferecia, depois de o ter mergulhado em seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto. (PROUST, 2015, p. 71-73)

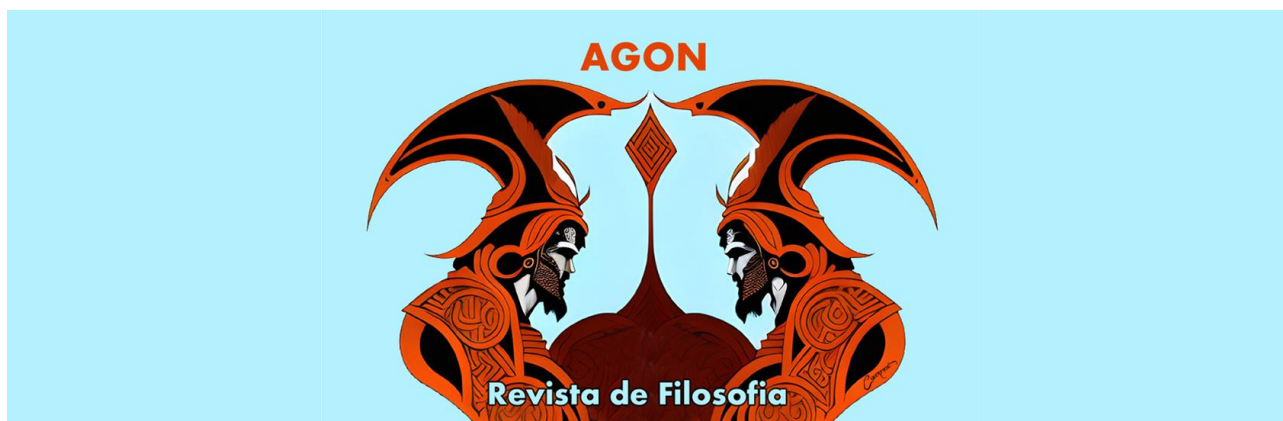
A intensidade das memórias é que parecem nos construir e constituir como seres humanos no mundo sensível, pois aprendemos a partir de experiências já passadas e armazenadas por nós. Aprendemos por meio de uma montagem pessoal das memórias que construímos e reconstruímos durante toda a vida. As memórias nos dilaceram e nos constroem ao mesmo tempo. Assim, a memória tem o direito de dizer tudo sobre nós: do mais amável ao mais nefasto de nós mesmos. A memória parece ser a base da construção do tempo e de todos nós, reavivando nossos sentidos e nossas percepções como seres humanos no mundo e por um determinado período do qual não temos controle nenhum.

MEMÓRIAS COMO RUPTURAS A PARTIR DA POESIA DE CORA CORALINA E ADÉLIA PRADO

Nesta parte do texto trazemos dois poemas para buscar compreender um pouco mais como a arte poética (uma das nossas linguagens mais sensíveis e impalpáveis) pode auxiliar-nos a entender o tempo com suas rupturas. Sobre a importância da linguagem para tentarmos compreender o mundo, Maria Luiza Sabóia Saddi (2011, p. 4010) ensina-nos sobre a tentativa nefasta da linguagem em tentar “dominar” e “controlar” o mundo:

A linguagem, a nossa mais cara invenção, indispensável e bela, mas nunca estática e absoluta, mas, sempre fluida, sempre múltipla e viva como pássaros em voo. Como se poderia almejar mais? Os problemas surgem quando a encaramos como apreensão ou revelação do mundo e esquecemos que ela mesma já é mundo, já é criação de mundos.

No entanto, como somente temos as linguagens para nos comunicarmos e tentar



fazer sentido do mundo, é com elas que tentamos entender o que nos passa e expressar nossos sentimentos, afetos, efeitos, ações etc. E da linguagem poética partimos para nossa empreitada em relação à compreensão da memória como ruptura do tempo Ocidental. Para isso utilizamos dois poemas, sendo o primeiro “Moinho do tempo”, de Cora Coralina. Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889–1985), mais conhecida por seu pseudônimo de Cora Coralina, foi uma relevante poeta e contista brasileira. Seu livro de estreia foi publicado em junho de 1965 (Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais), quando já tinha quase 75 anos, porém ela escrevia poemas desde a adolescência. Foi uma mulher simples do interior do Brasil. Conhecida como doceira na Cidade de Goiás, sua terra natal, escreveu a partir de suas vivências e longe dos modismos literários de sua época. Sua obra poética é rica em cotidianidades do interior brasileiro e de suas percepções sensíveis a partir das coisas simples do cotidiano goiano. Rodrigues, Carneiro e Medeiros (2019) falam-nos sobre esta poeta:

De vida simples e dura, viveu longos anos longe dos grandes centros, sua casa situava-se às margens do Rio Vermelho, que muito a inspirou. Seus versos relacionavam-se principalmente à sua cidade natal e à sua vida árida, os quais serviram para apresentar a simplicidade e o tempo presente, isto é, o momento vivido no agora enquanto objeto de apreciação e cuidado. (RODRIGUES; CARNEIRO; MEDEIROS, 2019, p. 137-138)

Cora Coralina no poema “Moinho do tempo” traz-nos a metáfora do moinho que estraçalha o tempo, como que moendo o milho, molhe-se o tempo, fazendo com que a vida passe. O poema integra a obra intitulada “Vintém de cobre. Meias confissões de Aninha”. Segue o texto completo:



Moinho do tempo

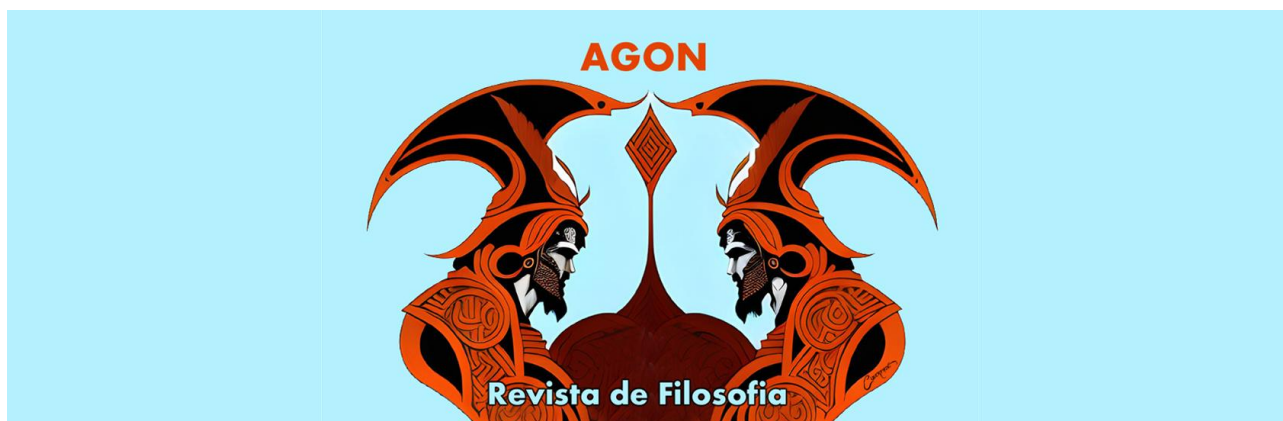
Pé de meia sempre vazio.
Vazios os armários
Seus mistérios desmentidos.

Fechaduras arrebitadas, arrancadas.
Velhas gavetas de antigas
mesas de austeras salas vazias.
Os lavrados que guardavam,
vendidos, empenhados,
sem retorno.
As velhas gavetas
guardam sempre um refugio de coisas
que se agarram às casas velhas e acabam mesmo nos monturos.
As velhas gavetas
têm um cheiro nojento de barata.

As arcas desmanteladas.
Os baús amassados.
Os abastos resumidos.
A fornalha apagada.
Economizado o pau de lenha.
Pelos cantos as aranhas
diligentes, pacientes, emaranham teias.
E a casa grande se apagando,
caindo lance a lance, seus muros de taipa.
E um gato miau, fedendo pelos cantos.

E a gente se apegava aos santos,
tão distantes...

Rezava. Rezava, pedia, prometia...
O tempo foi passando,
os santos, cansados, enfatiados
economizando os milagres do passado.
No fim os compradores de antiguidades
acabaram mesmo levando os oratórios
e os santos, que fossem de madeira,
dando lugar à TV, ao Rádio RCAVictor de sete faixas.



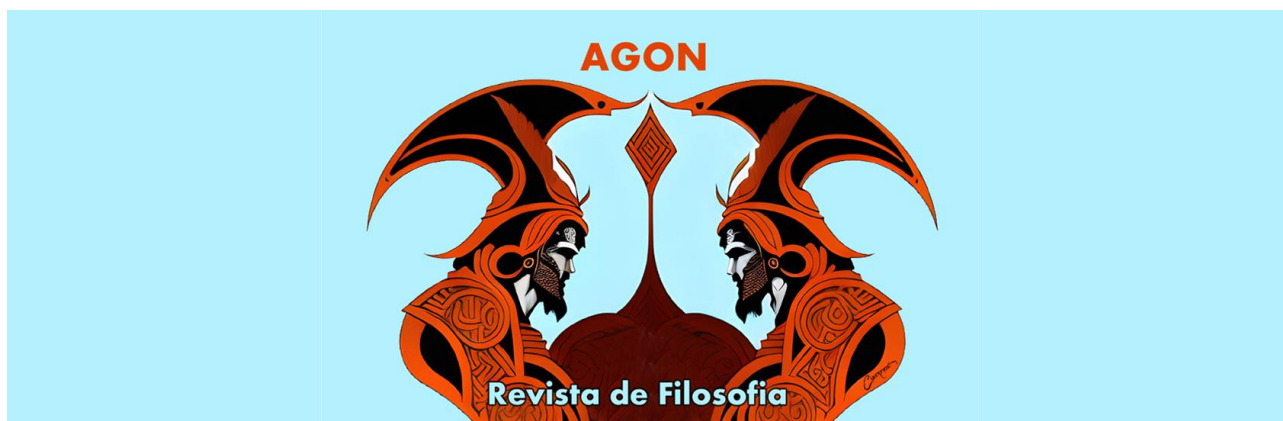
A gente era moça do passado.
Namorava de longe, vigiada.
Aconselhada. Doutrinada dos mais velhos,
em autoridade, experiência, alto saber.
“Moça para casar não precisa namorar,
o que for seu virá”.
Ai, meu Deus! e como custava chegar...
Virá! Virá!... Virá, virá... quando?
E o tempo passando e o moinho dos anos moendo,
e a roda-da-vida rodando... Virá-virá!
A gente ali, na estaca, amarrada, consumida
de Maria Borracheira, sem madrinha-fada,
sem sapatinho perdido,
sem arauto de príncipe-rei, a procurar
pelos reinos da cidade de Goiás
o pezinho faceiro do sapatinho de cristal,
caído na correria da volta.

A igreja, refúgio e confessionário antigo.
O frade, velho e cansado. Frei Germano, piedoso,
exortando paciente e severo. “Minha filha, a virgindade
é um estado agradável aos olhos de Deus. Olha as santas virgens,
Santa Terezinha de Jesus, Santa Clara, Santa Cecília,
Santa Maria Mãe de Jesus. Deus dá uma proteção especial às virgens.
Reza três ave-marias e uma salve rainha a Nossa Senhora e vai comungar”.

A gente saía confortada, ouvia a missa,
cumpria a penitência e comungava humildemente, ajoelhada,
véu na cabeça em modéstia reforçada.

Depois, depois, a solidão de solteira, o sonho honesto de um noivo,
o desejo de filhos,
presença de homem, casa da gente mesma, dona ser. Um lar.
Estado de casada.

A pobreza em toda volta, a luta obscura
de todas as mulheres goianas. No pilão, no tacho,
fundindo velas de sebo, no ferro de brasas de engomar.
Aceso sempre o forno de barro.
As quitandas de salvação, carreando pelos taboleiros



os abençoados vinténs, tão valedores, indispensáveis.

Eram as costuras trabalhadas,
os desfiados, os crivos pacientes.

A reforma do velho, o aproveitamento dos retalhos.
Os bordados caprichados, os remendos instituídos,
os cerzidos pacientes...

Tudo economizado, aproveitado.

Tudo ajudava a pobreza daquela classe média, coagida, forçada
a manter as aparências de decência, compostura, preconceito,
sustentáculos da pobreza disfarçada.

Classe média do após treze (13) de maio.

Geração ponte, eu fui, posso contar.

O poço d'água, a maravilhosa servidão da casa.

Toda a família na dependência do poço, da corda, do balde.

A água lá no fundo, cisterna, também chamada.

Um dia, dia incerto e já previsto o desastre, o transtorno.

Todos atingidos, impressionados, participantes,
da porta da rua ao fundo do quintal. Arrebentou a corda do poço...
gasta e cansada, exausta da sua resistência.

Corda vigente, corda de arrocho, corda de enforcar,
lá se foi com seu pedaço, agarrada ao balde, descansar
no fundo profundo do poço.

A casa toda assanhada, informa: arrebentou a corda do poço.

Vamos tentar a retirada de salvação geral.

Todos participantes, impressionados, coniventes na salvação
do balde, o resto da corda.

A vizinha de lado comparece por cima do muro, oferece seu balde,
dá palpites, solidária.

Uma longa vara, um gancho na ponta a vasculhar
o fundo escuro, em passeio lento e paciente. Assistência,
a torcida geral. Afinal, ponta e gancho enlaçam o que desceu
e sobem triunfante. Faz-se a emenda com perícia,
gente antiga, afeita a essa e outras emergências.
Cada qual aos seus interesses e, volta a casa
a rotina da vida do passado.

Tanta pobreza a contornar.

Tanto sonho irrealizado, tanto abandono.



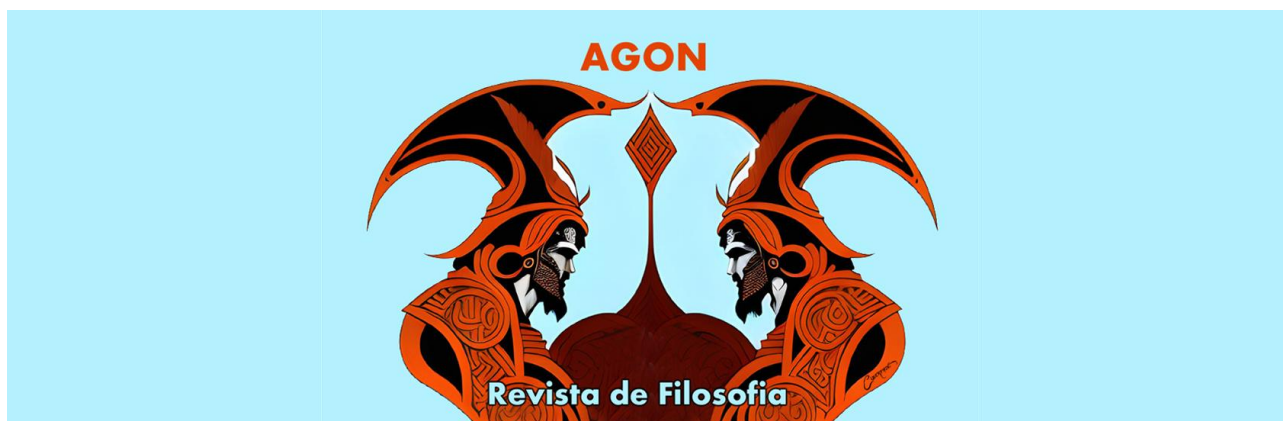
Tanta água de sonho puxado do poço da imaginação...

Valiam as velhas, seus adágios de sustentação:
Conter e reprimir as jovens, dar-lhes esperanças,
ensinar-lhes a paciência, a vontade de Deus.
E a gente a querer abrir uma brecha naquela muralha
parda de pobreza e limitação.

Hoje sobrará para todos mil cruzeiros.
Me faltando sempre o vintém da infância. Bem por isso
mandei fazer um broche de um vintém de cobre
e preguei no meu vestido do lado do coração.

Sentir a presença daquele vintém
pobre da minha infância, tão procurado, tão escasso!...
Sentir a metade daquela bolacha que repartia comigo
o carinho da minha bisavó, na sua pobreza mansa.
Estender de novo minhas pequenas mãos de criança
para as quitandas, broinhas, brevidades
e biscoitos que me dava tia Nhorita,
ela, se findando numa velhice tão bonita
como outra igual não vi.
Seu sorriso de Mona Lisa,
seu mistério de Gioconda.
Ter nos meus braços aquela boneca de loiça vinda de Paris,
de chapeuzinho, enfeite, sua flor minúscula, azul, lá da França.
Sapatinhos e meias, loira, olhos azuis e que dormia...
e que nunca foi minha.
Eu vivia aquela boneca, sonhava e ela sempre ali, inacessível,
na estática da vitrine envidraçada da loja de “Seu” Cincinato.

Voltar à infância... Voltar ao paraíso perdido
de uma infância pobre que pedia tão pouco!
Menino Jesus, sorridente no oratório.
Uma bolinha azul nas mãos poderosas sustentando o mundo.
Ele, tão pequenino e frágil.
Tantos santinhos pobres me protegendo,
tantas velhas me ensinando as regras da vida...
Eu era cega, ceguinha, peticega, sem nada ver.
Mouca, surda,
surdinha, sem nada ouvir...



Chegar hoje a essa evocação dolorida e rude...

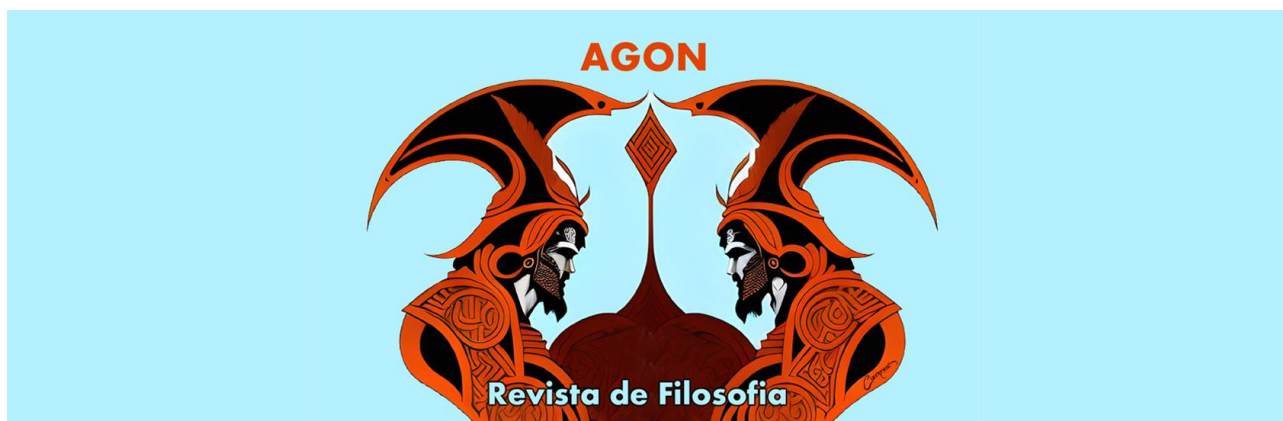
Meu vintém de cobre! Arrebentar todas as amarras
e contenções represadas.
Meu vintém! está comigo nestas páginas de escrever.

Podemos perceber no poema uma alusão ao poço (cisterna) e à própria vida que, em uma relação metafórica, sustentam o propósito de continuidade e, quando ocorre o imprevisto, o rompimento da “corda”, todos ficam desamparados e na condição de órfãos de uma vida: “Toda família na dependência do poço, da corda, do balde \um dia, dia incerto e já previsto o desastre, o transtorno \ Todos atingidos, impressionados, participantes\ Arrebentou a corda do poço... \ gasta e cansada, exausta da sua resistência\ lá se foi com seu pedaço, agarrada ao balde, descansar no fundo profundo do poço”. Nesse contexto, Coralina remete à realidade que parece continuar invisível para boa parte da sociedade: apesar de todas as conquistas, eficiência e versatilidade no desempenho de suas inúmeras funções sociais, permanece a mulher tendo que se alimentar, espiritualmente, de sonho, da imaginação e da ficção. Ela nos diz: “Tanto sonho irrealizado, tanto abandono \ Tanta água de sonho puxado do poço da imaginação”, e, ainda, na visão de Maria Luíza Saddi: “É certo que a qualidade do ver no sonho é de outro tipo: é o olhar de um sonhador, mas é um olhar. O sonhador no sonho não é um fantasma, é um vivente. E vidente”. Coralina repara no tempo a partir de um olhar sensível para os objetos velhos, desgastados no presente pelo tempo passado, até os “os santos, cansados, enfatiados / economizando os milagres do passado” sentiam a dor do tempo correndo. Ainda, ela nos traz a figura central da mulher como aquela que trabalha com o passar do tempo: “A pobreza em toda volta, a luta obscura / de todas as mulheres goianas. No pilão, no tacho, / fundindo velas de sebo, no ferro de brasas de engomar.” E mais sobre as mulheres em: “Sentir a metade



daquela bolacha que repartia comigo / o carinho da minha bisavó, na sua pobreza mansa. / Estender de novo minhas pequenas mãos de criança / para as quitandas, broinhas, brevidades / e biscoitos que me dava tia Nhorita, / ela, se findando numa velhice tão bonita / como outra igual não vi. / Seu sorriso de Mona Lisa, /seu mistério de Gioconda.”

Diante de tanta exclusão, é imprescindível refletirmos, também, a partir do questionamento de Judith Butler (2018, s.p.): “É possível que algumas de nossas vidas sejam consideradas choráveis e outras não”, uma vez que se tem uma sociedade que não consegue se desprender de seu olhar inferiorizante para com o ser feminino, uma sociedade machista, misógina, mas que depende da mulher a todo o tempo. Sendo assim, é urgente que se faça valer na sociedade a visão igualitária e libertadora de Paulo Freire quando expressa que “A educação tem sentido porque homens e mulheres são tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo e, ainda, que homens e mulheres precisam de estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem não haveria porque falar em educação (FREIRE, 2000, p. 20). Ou seja, tanto o homem quanto a mulher detêm papéis importantes na sociedade e na família que as sociedades devem encontrar mecanismos de diálogo e valorização de todos. Por fim, percebemos que a memória para Coralina faz um rasgo no presente, reatualizando-o, reverberando como num círculo: “Voltar à infância... Voltar ao paraíso perdido /de uma infância pobre que pedia tão pouco!” Assim, é a fratura causada pela memória na suposta linearidade do presente que marca a ruptura neste poema de Coralina. O segundo poema que desejamos utilizar como base para pensar sobre temporalidades e memórias chama-se “O que a memória ama, fica eterno”, de Adélia Prado. Adélia Luzia Prado de Freitas (Divinópolis, 1935) é uma poeta, filósofa de formação, professora, romancista e contista brasileira. Sua obra também retrata o cotidiano com os encantos e nuances de uma vida interiorana, assim como Coralina. Sua obra traz muito da fé católica e é permeada pelos personagens típicos das cidades do interior do Brasil. Seu



primeiro livro, intitulado “Bagagem”, foi publicado pela editora Imago em 1976, com o apoio de Affonso Romano de Sant’Anna e com elogios de Carlos Drummond de Andrade. Adélia exerceu o magistério por 24 anos até que a carreira de escritora tornou-se sua atividade principal. Prado incorpora em sua obra, e com uma grande sensibilidade, os papéis sociais de intelectual, de esposa, de dona de casa e de mãe. Veja-se o poema:

O que a memória ama, fica eterno

Quando eu era pequena, não entendia o choro solto de minha mãe ao assistir a um filme, ouvir uma música ou ler um livro.

O que eu não sabia é que minha mãe não chorava pelas coisas visíveis. Ela chorava pela eternidade que vivia dentro dela e que eu, na minha meninice, era incapaz de compreender.

O tempo passou e hoje me emociono diante das mesmas coisas, tocada por pequenos milagres do cotidiano.

É que a memória é contrária ao tempo. Nós temos pressa, mas é preciso aprender que a memória obedece ao próprio compasso e traz de volta o que realmente importou, eternizando momentos.

Crianças têm o tempo a seu favor e a memória muito recente. Para elas, um filme é só uma animação; uma música, só uma melodia. Ignoram o quanto a infância é impregnada de eternidade.

Diante do tempo envelhecemos, nossos filhos crescem, muita gente se despede. Porém, para a memória ainda somos jovens, atletas, amantes insaciáveis. Nossos filhos são nossas crianças, os amigos estão perto, nossos pais ainda são nossos heróis.

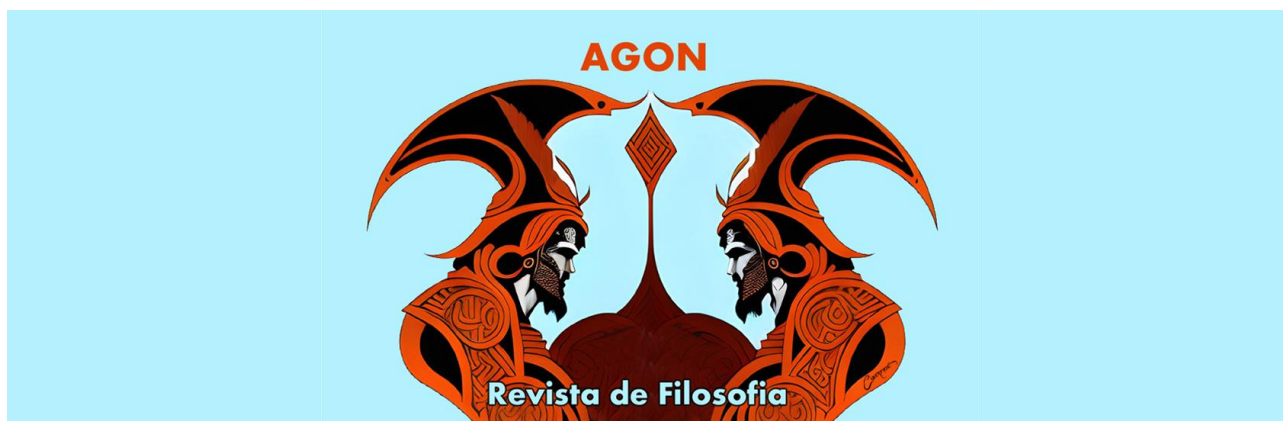
Quanto mais vivemos, mais eternidades criamos dentro de nós.

Quando nos damos conta, os nossos baús secretos (porque a memória é dada a segredos) estão recheados daquilo que amamos, do que deixou saudade, do que doeu além da conta, do que permaneceu além do tempo.

Um dia ligamos o rádio do carro e toca uma música qualquer, ninguém nota, mas aquela música já fez parte de nós (foi a melodia de um amor, embalou os sonhos de uma época ou selou uma amizade verdadeira) e, mesmo que os anos tenham passado, e alguma parte de nós se perca no tempo, sempre nos lembra alguém, um momento ou uma história.

Ao reencontrar amigos da juventude, da escola, do liceu, da faculdade, esquecemos que somos adultos e voltamos a comportar-nos como meninos cheios de inocência, amor e coragem.

Do mesmo modo, perto de nossos pais, seremos sempre “As Crianças”, não importa se já temos 30, 40, 50 ou 60 anos.



Para eles, a lembrança da casa cheia, das brigas entre irmãos, das histórias contadas ao cair da noite... serão sempre recentes, pois têm evocação de eternidade.

Por isso é tão difícil despedirmo-nos de um Amor ou alguém especial que, por algum motivo, deixou de fazer parte das nossas vidas.

Dizem que o tempo cura tudo, mas talvez ele só tire a dor do centro das atenções. Ele acalma os sentidos, apara as arestas, coloca um peso na ferida.

Mas aquilo que amamos tem disposição para emergir das profundezas, quebrar os cadeados e assombrar de vez em quando.

Somos a soma dos nossos afetos, e aquilo que nos tocou pode ser facilmente reativado por novas lembranças: uma canção que cala nossos sentidos; um cheiro que nos paralisa lembrando alguém; um sabor que nos remete à infância.

Assim também permaneceremos memórias vivas na vida dos nossos filhos, cônjuges, ex amores, amigos, irmãos...

E, mesmo que o tempo nos leve desta dimensão, seremos eternamente lembrados por aqueles que um dia nos amaram.

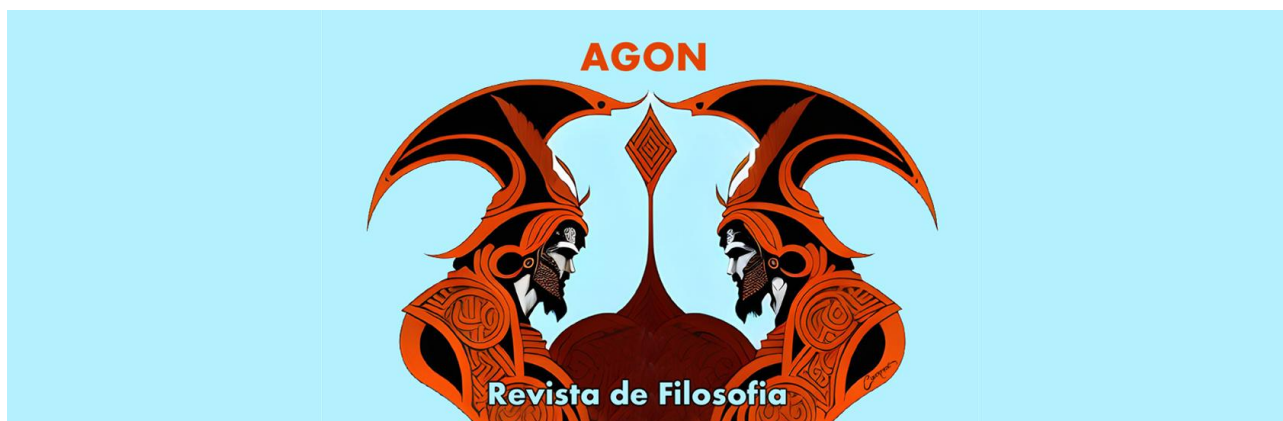
Adélia Prado começa sua narrativa poética a partir dos sentires de sua mãe: “Quando eu era pequena, não entendia o choro solto de minha mãe ao assistir a um filme, ouvir uma música ou ler um livro. / O que eu não sabia é que minha mãe não chorava pelas coisas visíveis. Ela chorava pela eternidade que vivia dentro dela e que eu, na minha meninice, era incapaz de compreender.” Aqui já notamos a importância do feminino neste poema em prosa enquanto fonte de sensibilidade capaz de abrir a porta das memórias e fraturar o tempo. Ainda, a poeta reafirma aquilo que sustentamos aqui sobre a memória: “É que a memória é contrária ao tempo. Nós temos pressa, mas é preciso aprender que a memória obedece ao próprio compasso e traz de volta o que realmente importou, eternizando momentos.” Também em: “Diante do tempo envelhecemos, nossos filhos crescem, muita gente se despede. Porém, para a memória ainda somos jovens, atletas, amantes insaciáveis.” Essa erupção que a memória causa no vulcão do tempo é algo inexplicável. Como a poeta nos diz: “Quando nos damos conta, os nossos baús secretos



(porque a memória é dada a segredos) estão recheados daquilo que amamos, do que deixou saudade, do que doeu além da conta, do que permaneceu além do tempo.” Ela não se releva quando bem desejamos, mas é afeita a voltar à tona e dar-nos mais um sopro de vida em meio ao presente. O título do poema já revela que a memória tem o poder de não perecer. Assim, entendendo o valor da memória na construção desse vínculo com o tempo, Adélia Prado, na poesia “O que a memória ama fica eterno” entende que a memória afetiva não obedece a calendários, não caminha com as estações e que o tempo não passa para a memória. A memória traz à tona acontecimentos e vivências de forma muito particular, às vezes ligando ações que ocorreram em tempos distintos, mas que conversam com as lembranças presentes, assim como acontecimentos que marcaram uma data ou momento específico e que, por vezes, mostram-nos como os valores culturais são (des)construídos com o passar do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou levantar a ideia de que a memória marca as rupturas no tempo cronologicamente linear e cartesiano que nós Ocidentais acreditamos dominar e medir. Os poemas escolhidos aqui revelam a força da sensibilidade feminina em perceber a riqueza das memórias e seus poderes quase que sobrenaturais sobre o tempo presente. Ao analisar os fatos que compõem a trajetória da sociedade brasileira, deparamo-nos, reiteradamente, com visões que têm imposto à mulher limites, algumas vezes apenas objetos da vontade e do capricho da figura masculina (pai, marido, irmão etc). Essa constante tentativa de impor barreiras sociais, históricas e culturais e cravá-las nas mulheres, no seu íntimo, na alma feminina. Isso tem violado as vontades femininas e seus desejos de realização pessoal. Muitas acabam resignando-se a uma vida de submissão e refugiando-se no seu mais fiel companheiro: o silêncio. Contudo, devemos nos atentar para o aspecto de que o



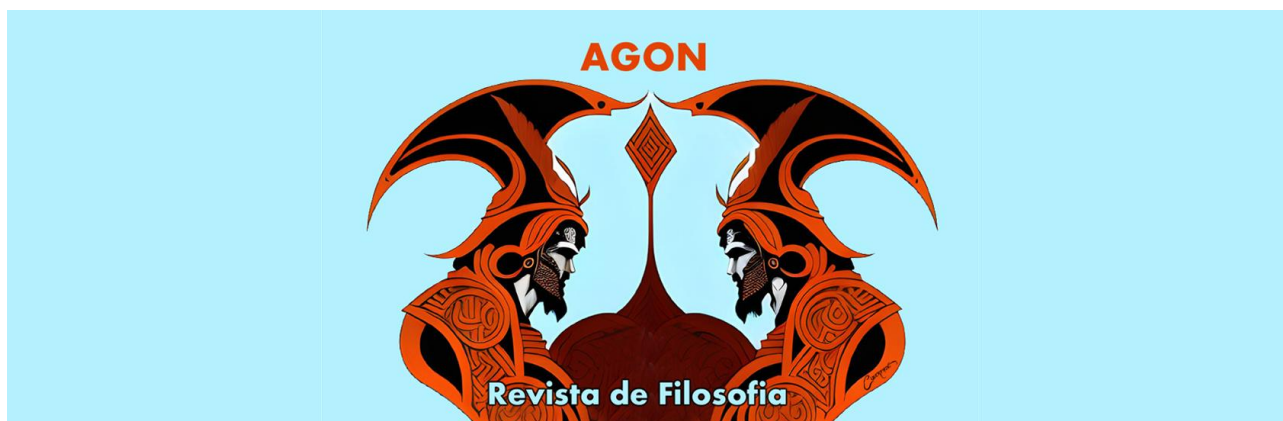
discurso existe para além das palavras, não se apequenando, portanto, em sua linguagem, que, segundo Heidegger:

O homem é o ser que fala mesmo quando não fala e cala, recolhendo-se no silêncio do sentido, assim como é o ser que morre, mesmo quando não morre e vive, recolhendo-se à temporalidade da existência. A fala remete para além ou aquém das palavras, mas este remeter não é semântico nem sintático. É o silêncio do sentido. A fala só fala para e por calar. A palavra essencial, sendo a essência da palavra no tempo das realizações, é apenas silêncio. (LEÃO *apud* HEIDEGGER, 2004, p. 16)

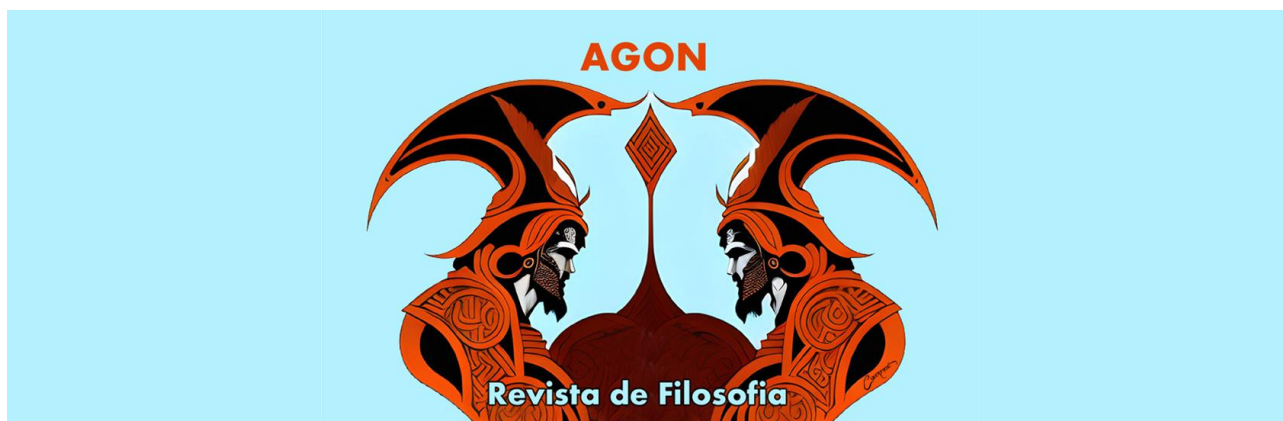
Nesse prisma, tem-se o infalível protagonismo da memória que, por ser isenta de qualquer tentativa de linearidade, conserva e protege cuidadosamente as emoções vivenciadas pelo indivíduo, fazendo ecoá-las no seu devido tempo, como tão bem se pronuncia Adélia Prado e Cora Coralina. Cora Coralina, por exemplo, em “Moinho do tempo”, traz algumas memórias acerca do papel que a mulher exercia no passado:

A gente era moça do passado.
Namorava de longe, vigiada.
Aconselhada. Doutrinada dos mais velhos,
em autoridade, experiência, alto saber.
“Moça para casar não precisa namorar,
o que for seu virá”.

Percebemos que a “moça do passado”, muitas vezes, é retomada nas falas da nossa sociedade e que ao mesmo tempo que se busca construir a “moça do presente”, aquela do passado ainda vive nas nossas memórias como um ideário a ser alcançado, quer dizer, o modelo da moça recatada, criada para se casar, cuidar dos filhos e da casa, que não tinha o poder de escolha, pois tudo ocorreria no “tempo certo”. E que tempo certo era esse? O tempo da idade? Da maturidade? Da juventude? O tempo de ser enxergada pelos olhos de



um rapaz? Talvez um pouco disso tudo, menos o tempo da própria mulher em tomar as rédeas de sua vida. A concepção do tempo nessa construção poética vai se esmiuçando ainda mais no decorrer dos versos, “Conter e reprimir as jovens, dar-lhes esperanças, ensinar-lhes a paciência, a vontade de Deus”, era preciso colocar o tempo como algo divino, “o tempo de Deus”, assim, a religiosidade foi utilizada como um mecanismo para o silenciamento e acomodação — para não dizer supressão — dos desejos. E quanto à “moça do presente”, como ela será vista no tempo? Sabemos que a mulher de hoje, apesar das muralhas a serem derrubadas, conseguiu espaço na sociedade, estuda, trabalha, decide a sua vida, porém ela não é mais definida somente pelo sexo, e sim pela ideia do feminino. Então, “a moça do presente”, na verdade, não cabe dentro de uma caixinha, ela extrapola o linear e exige simplesmente viver. Assim, a vida vai acontecendo no tempo e espaço e sendo ao mesmo tempo rememorada, interpretada e vivida, afinal, como diria Guimarães Rosa (2019): “viver é muito perigoso”.



REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. Le dictionnaire critique. Orléans: Éditions Gallimard, 1970.

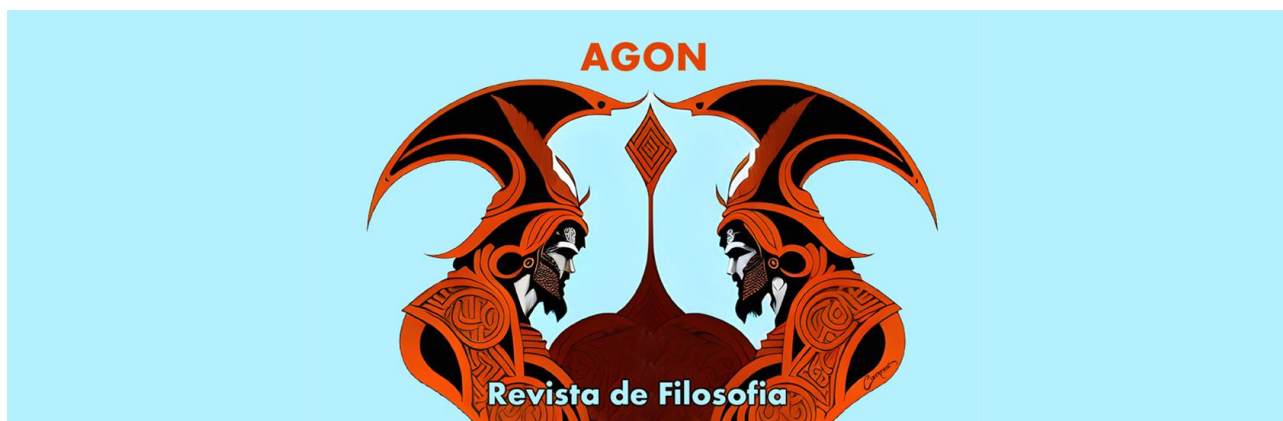
BUTLER, Judith. Judith Butler: “De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?” Babelia. El país Brasil, 2018. Disponível em: <
<https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nosso-mundo-publico.html#:~:text=De%20quem%20s%C3%A3o%20as%20vidas%20consideradas%20chor%C3%A1veis%20em%20nosso%20mundo%20p%C3%BAblico%3F,Quais%20s%C3%A3o%20essas&text=No%20entanto%2C%20se%20reconhecemos%20apenas,essas%20vidas%20e%20outras%20n%C3%A3o.>> Acesso em: 04 nov. 2021

CORALINA, Cora. Vintém de cobre. Meias confissões de Aninha. 8. ed. São Paulo: Global, 2001.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA INDIGNAÇÃO**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Eduardo Jorge de. **O VERBETE, O DICIONÁRIO E O DOCUMENTO**: Uma leitura da montagem em Georges Bataille. Revista Poiésis. N. 13, p. 145-158, Ago. de 2009. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2020/8384-1595428818.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2021.



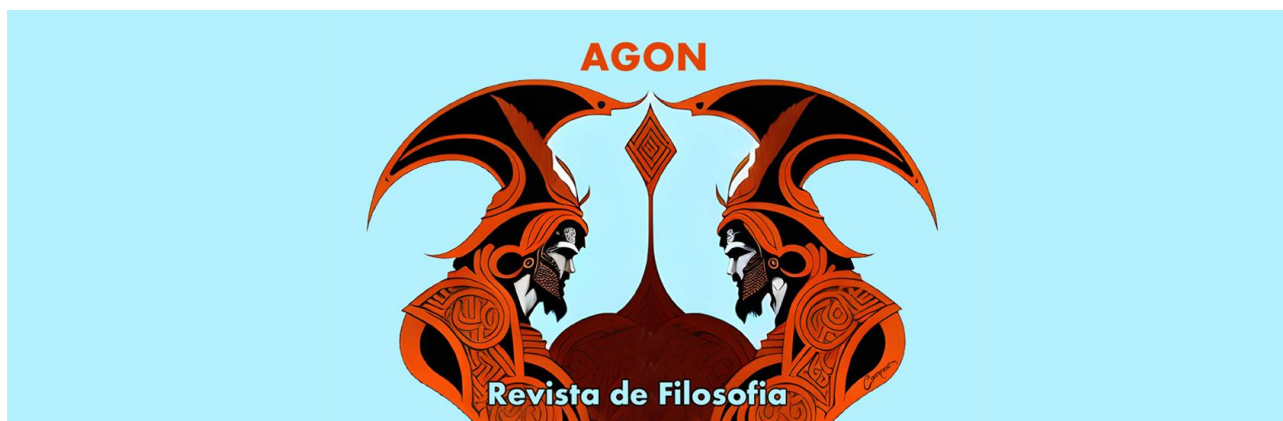
PRADO, Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PROUST, Marcel. **EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO**: no caminho de Swann. Tradução de Mario Quintana. 3. ed. rev. [2006]. 12. reimpr. São Paulo: Globo, 2015. v. 1.

RODRIGUES, Wallace; **CARNEIRO**, Têssia Gomes; **MEDEIROS**, Valéria da Silva. O tempo poético nos trabalhos de Cora Coralina. Revista Magistro. Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio. Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO. Vol. 2, N. 20, p. 136-147, 2019. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/5462/3120>>. Acesso em: 12 nov. 2021.

RODRIGUES, Wallace. **REFLEXÕES SOBRE TEMPORALIDADES**: a concepção sobre tempo de branco e tempo de índio. Revista Querubim. Revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais. Ano 15, nº37, vol. 7, 2018, ISSN 1809-3264. Disponível em: <https://www.academia.edu/38820397/Reflex%C3%B5es_sobre_temporalidades_a_concep%C3%A7%C3%A3o_sobre_tempo_de_branco_e_tempo_de_%C3%ADndio>. Acesso em: 04 nov. 2021.

ROSA, João Guimarães. **GRANDE SERTÃO**: veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



31

SADDI, Maria Luiza Saboia. **OS DESENHOS NO CÉU: sonho e poesia.** *In: Anais do 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes (ANPAP).* Rio de Janeiro, p.

4000 a 4012, 2011. Disponível em:
<http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/maria_luiza_saboia_saddi.pdf> Acesso
em: 04 nov. 2021.